

# Preço da carne bovina aumenta 4%

CAMILA ANCONA

camila.ancona@jornal.com.br

O preço da carne bovina está em alta, alterando o hábito de consumo do alimento entre os piracicabanos. Segundo análise do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada), da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), o preço médio do quilo da carcaça casada (traseiro, dianteiro e ponta de agulha) do boi foi de R\$ 5,83 até o dia 17 de outubro, sendo o maior desde a pesquisa do Cepea iniciada em 2001. O recorde, de acordo com o pesquisador e professor da Esalq Sérgio de Zen, deve-se à falta de oferta de animais e aumento do consumo interno no passado.

O reajuste no mês de outubro chega a 4% maior em relação ao início da pesquisa do Cepea neste mercado em termos reais (preços deflacionados pelo IGP-DI (Índice Geral de Preços - Disponibilidade Interna). A elevação de preços é decorrente dessas duas ações conjuntas, segundo Zen, e não tem qualquer consequência da atual crise mundial pelo qual passa o sistema financeiro. “É uma ação que vem de tempos atrás e ainda não sabemos quais serão os desdobramentos da crise no setor e nem a intensidade da recessão mundial”, afirma.

A expectativa é de que haja, futuramente, uma queda de produção e de consumo do produto para que ocorra a redução de preços da carne bovina. As informações do Cepea são de preços no atacado da Grande São Paulo, que baliza os valores da carne em todo o país. Apesar de alto, o preço da carne bovina vem perdendo pressão de aumento, segundo Zen. É o que também confirma o Cepea, após consulta aos agentes do mercado atacadista, e que acredita que os elevados preços da carne podem retrair a demanda, principalmente



Mateus Medeiros/JP

Nos açougues de Piracicaba, preço da parte dianteira — carne de segunda — do boi quase se equiparou à carne traseira

nas próximas semanas, na segunda quinzena de outubro.

A redução no consumo já é observada pelo proprietário de duas Casas de Carne em Piracicaba, Emilio Zilio. Segundo ele, o consumo do produto caiu significativamente nas últimas semanas pela falta de bois prontos para abate. “Acredito que isto deva forçar os frigoríficos a baixar o preço e reduzir a margem de lucro”, afirma. Porém, apesar dessa expectativa, Zilio acredita que a falta de animais será contínua e preponderante para a manutenção

elevada dos preços da carne.

Para Nilton Puga, proprietário do açougue São João, no Mercado Municipal, o maior aumento maior ocorreu há dois meses. “O que mais subiu foi o dianteiro, a chamada carne de segunda. O preço dela quase se equiparou à carne do traseiro”, afirma. Um exemplo é o acém que custava R\$ 7 o quilo e que passou para R\$ 10. O traseiro, como o coxão mole, era vendido a R\$ 10 e agora está sendo vendido a R\$ 13,50. “Este valor deve-se manter para os próximos meses.”

Hoje há maior dificuldade pa-

ra encontrar o quilo da carne, de primeira ou de segunda, abaixo de R\$ 10. “Não há mais distinção”, acredita Zilio. Para ele, os pequenos comerciantes são os que mais sofrem. “Algumas demissões devem ocorrer em toda a cadeia, desde a produção até o balcão de um açougue”, conta. Um frigorífico de Piracicaba tem capacidade para abater 450 bois por dia, mas, segundo o empresário, não passa de 180 animais ao dia. A garantia é de alta do preço do produto até janeiro de 2009, diz Zilio.

Para o presidente do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Alimentação de Piracicaba e Região, Fânio Luís Gomes, ainda não houve nenhuma reclamação dos empresários do setor. “Conversei com dois frigoríficos esta sema-

na e não há qualquer previsão de cortes de pessoal”, afirma. Em Piracicaba atuam 300 trabalhadores de frigoríficos.

**CONSUMO** – A professora Luzia Buldrini Gil, 56, reduziu bastante o consumo de carne bovina nos últimos meses. “Eu comprei carne há 15 dias e percebi que o preço está muito alto”, diz. Mesmo o pequeno consumo do alimento, já que ela reside apenas com o marido, fez com que Luzia passasse a optar por outras carnes como as de frango e peixe. “Esses estão muito mais baratos.” Levantamentos da Assocon (Associação Nacional dos Confinadores) mostram que o volume de animais de confinamentos a ser disponibilizado nos próximos meses pode ficar abaixo do esperado.

**Maior  
aumento  
de preço foi  
na carne  
de segunda**